

## **CULTURA AFRICANA E A CONSTITUIÇÃO DA RELIGIOSIDADE DO POVO BRASILEIRO: DESMISTIFICANDO ALGUNS TABUS**

Lucyanne Cecília Dias Goffi<sup>1</sup>

Vanilza Valentim dos Santos<sup>2</sup>

Nerli Nonato Ribeiro Mori<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Maringá-PR

### **RESUMO**

Nesse texto abordamos parte do projeto multidisciplinar, concluído no ano de 2014 e realizado no CEEBJA pertencente a um Município do Núcleo Regional de Maringá-PR, cujo assunto Diversidade Étnica e Cultura Afro, disseminou o título desse artigo: *Cultura africana e a constituição da religiosidade do povo brasileiro: desmistificando alguns tabus*. Provavelmente, a importância da África como berço da civilização humana, tenha sido negligenciada no interior das escolas. Atualmente por meio da Lei nº 10.639/03, a temática das relações étnico-raciais e a cultura africana e afro-brasileira tornou-se obrigatória nos estabelecimentos de ensino fundamental, médio e profissionalizante e estão presentes nas Diretrizes Curriculares para a Educação Básica do Estado do Paraná. Nesse sentido, esse estudo teve por finalidade analisar histórica e culturalmente a influência dos ritos religiosos africanos na constituição da religiosidade do povo brasileiro, procurando dessa forma desmistificar alguns conceitos e tabus em torno dessa temática, possivelmente colaborando na erradicação de alguns preconceitos e enaltecendo essa cultura, que é parte da nossa história.

**Palavras-chaves:** Relações Étnico-Raciais; Cultura Afro-Brasileira; Educação de Jovens e Adultos; Projeto Multidisciplinar.

### **INTRODUÇÃO**

<sup>1</sup> Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá. Mestre e Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Professora QPM no Município de Maringá-PR. E-mail: [lucdias@hotmail.com](mailto:lucdias@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá. Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Pedagoga no Instituto Federal do Paraná – Paranavaí-PR. E-mail: [valentimstos@hotmail.com](mailto:valentimstos@hotmail.com)

<sup>3</sup> Graduada em Psicologia e Doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Realizou estágio pós doutoral pela Universidade Federal de São Carlos. Professora Titular do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá, atuando nos cursos de graduação em pedagogia, mestrado e doutorado em educação (PPE). E-mail: [nrnmori@uem.br](mailto:nrnmori@uem.br)

Realização:

Apoio:





Nosso trabalho como docente no interior das escolas, nos suscita muitas vezes a questionamentos quanto a qualidade de nossa prática pedagógica, haja vista que estamos vivenciando a era da inclusão social e pertencemos a uma sociedade excludente. Exclusão essa que se dá em vários níveis, tais como: econômicos, culturais, religiosos, de gênero, de raça, entre outros. Dessa forma, as pesquisas e as formações continuadas sobre a temática da diversidade, vêm corroborar para sanar algumas de nossas dúvidas, quanto à maneira de abordarmos determinados conceitos e quebrarmos paradigmas socialmente enraizados.

Nesse sentido, no estado do Paraná, a instrução nº. 010/2010 da Superintendência da Educação e Secretaria de Estado da Educação (SUED/SEED), propõe aos Núcleos Regionais de Educação do Estado do Paraná, a formação de equipes multidisciplinares para tratar da educação das relações étnico-raciais (ERER) e para o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena nas escolas.

Essas equipes são formadas por pedagogos(as) que coordenam a equipe e por docentes e agentes educacionais, inscritos como participantes no projeto multidisciplinar. Em relação à organização das equipes multidisciplinares nas escolas, essa se dá em forma de encontros e seminários, com carga horária estabelecida pelo Núcleo Regional de Educação e certificação oferecida pela SUED/SEED.

Nosso projeto multidisciplinar, concluído em 2014, contou com carga horária total de 40 horas, mas diferente dos demais projetos, que em sua maioria são voltados para a formação dos docentes e agentes educacionais, esse foi expandido, também, aos discentes.

Afim de facilitar o entendimento do trabalho realizado por nossa equipe multidisciplinar, dividimos esse texto em tópicos. No primeiro tópico intitulado: *Conhecendo alguns aspectos sobre a África*, abordamos a divisão geográfica e cultural desse Continente e sua entrada no Brasil.

O segundo tópico: *Religiosidade afro-brasileira*, relacionamos os rituais sagrados africanos que influenciaram o sincretismo religioso no Brasil. No terceiro

Realização:



Apoio:





tópico: *O projeto multidisciplinar na escola*, descrevemos a realização do trabalho com os alunos do CEEBJA de um Município pertencente ao Núcleo de Educação Regional de Maringá-PR. E finalizando, no tópico: *Considerações Finais*, salientamos a importância do conhecimento científico acerca da temática sobre as relações étnico-raciais, afim de abriremos caminhos para novas pesquisas sobre esse assunto ainda pouco abordado no interior das escolas.

## CONHECENDO ALGUNS ASPECTOS SOBRE A ÁFRICA

Para entendermos um pouco mais sobre a influência da África no Brasil, é importante sabermos, que o conhecimento acerca de sua divisão pode ter sido simplificado nos bancos escolares, por muito tempo. De acordo com Oliva (2006), a visão reducionista de que na África são todos negros e divididos em bantos e sudaneses, pode caracterizar esse continente como simplório. Entretanto esse mesmo autor, ressalta que não existe um consenso acerca dessa divisão.

Entretanto a compreensão da divisão do continente africano, pode nos possibilitar um melhor entendimento a respeito dos negros que adentraram o Brasil, trazidos pelos colonizadores, cujo marco é apontado por alguns historiadores como o ano de 1532.

Nesse sentido, Silvério (2013) nos auxilia ao relatar que vários autores apontam, que os africanos que adentraram o Brasil vieram das regiões da África Ocidental: sudaneses e/ou iorubas (nagôs, ketus e egbás), gegês (ewês, fons), fanti-ashanti (conhecidos como mina), povos islamizados (mandingas, haussas, peuls); da África Central: bantos (bakongos, umbundo, ovimbundos, bawoyo, wili (ou seja, congos, angolas, benguelas, cabindas e loangos) e da África Oriental: moçambiques.

Segundo Santos (2006), a compreensão da história do Brasil nos últimos 500 anos, não se dá sem o conhecimento da presença negra na sua constituição. O modo de vida, de trabalho e até de pensar do povo brasileiro está impregnado da

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação



matriz africana, quer seja na linguagem, na gestualidade, na religiosidade, tornando difícil dissociar a negritude daquilo que denominamos cultura brasileira.

Em relação a isso Silvério (2013) acrescenta, que os africanos de um modo geral, formariam no Brasil alguns padrões principais de cultura negra, tais como: a sudanesa (iorubanda), principalmente na Bahia, mas também encontrada no Norte/Nordeste, tendo como características o culto aos orixás, a realização de iniciação, a prática de ritos mágicos, música e dança/rituais, esculturas em madeira, em metais e outros tipos de trabalhos manuais, como instrumentos musicais, por exemplo e, inclusive influenciando no nosso léxico.

Já os bantos, adentraram principalmente o estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais e são mais estudados pela perspectiva linguística; pelo culto aos antepassados e aos espíritos; por meio do estudo do quimbundo incorporado à língua portuguesa falada no Brasil; pelas festas, tais como: coroação de reis, danças que simulam a caça e a guerra (carnaval), festas do boi; pelo folclore; pelas esculturas em madeira, confecções de objetos, entre outros.

Segundo Silvério (2013), dentre as influências dos africanos em nossa cultura, há também muito o que se estudar, sobre a forte presença desse povo na luta por mudanças sociais na história do Brasil, além dos saberes e fazeres tradicionais na manipulação de ervas medicinais e condimentares em comunidades afro-brasileiras, avaliando-se hoje seu uso e importância, nos cuidados com a saúde básica.

Até aqui pudemos constatar que os costumes africanos permeiam nossa cultura, nos seus diversos aspectos, tais como: alimentação, vestimentas, crenças, religiosidade, entre outros. Entretanto nesse estudo vamos nos ater apenas à influência do continente africano na religiosidade brasileira.

É fato, que atualmente, as religiões africanas afirmam sua sobrevivência de maneira flagrante do norte ao sul do nosso país. Tais religiões sobrevivem graças ao sincretismo entre elas próprias, entre elas e o catolicismo (religião dominante), e entre elas e o espiritismo. Essa mistura de crenças e rituais é tão evidente que já não dizemos no Brasil religiões africanas e sim, religiões afro-brasileiras.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Nesse texto, faremos menção a duas religiões de tradições africanas, o Candomblé e a Umbanda (esta, genuinamente brasileira), sem desmerecer as outras, mas, porque possivelmente, sejam essas, as mais conhecidas. Embora, sejam religiões com fortes raízes que entrelaçam a cultura africana e brasileira, ainda, encontram preconceitos, e resistências em vários setores da sociedade. Tal realidade deve-se em grande parte pelo próprio desconhecimento e visões tradicionalistas que perpassam a história social e cultural brasileira. Sendo assim, no próximo tópico discorreremos sobre essas duas vertentes religiosas e sua entrada no Brasil.

## RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA

De acordo com Souza (2008), o termo afro-brasileiro é usado para indicar produtos da nossa mestiçagem, cujas matrizes principais são as lusitanas, as africanas, com alguns elementos indígenas, sem perder de vista que tais manifestações ou produtos são acima de tudo, brasileiros. Para essa autora, além da herança dos traços físicos, seja talvez na música e na religiosidade que a presença africana esteja mais evidenciada entre nós.

Segundo Teixeira (2013); Mariano (2013), em suas análises sobre o censo 2010 no referente à religiosidade brasileira, conferido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Umbanda e o Candomblé, somados permaneceram com 0,3% de adeptos na população brasileira, comparados com o censo de 2000, apesar de sua forte presença no imaginário social e de sua alta clientela de consulentes.

Para Mariano (2013), provavelmente a demonização proferida pelas religiões pentecostais contra os cultos afro-brasileiros podem ter exercido uma negatividade sobre a expansão dessas religiões, influenciando inclusive, a auto identificação religiosa de seus adeptos diante de tal discriminação, fato que resulta igualmente, porém por outras razões, ao velho sincretismo com o catolicismo.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação



Segundo os dados do censo 2010, analisado pelo autor citado anteriormente, após ter perdido 144.097 adeptos (26,6%) entre os anos de 1991 e 2000, a Umbanda recuperou-se, conquistando até 2010, 9.910 novos integrantes. Já o Candomblé aumentou o crescimento da década anterior que era de 118.105 para 167.363 adeptos em 2010, expansão de 29,4%.

Ressalta Teixeira (2013), que é complexa a interpretação dos dados do censo em relação à declaração de crença espírita e afro-brasileira, pois que o censo não consegue captar a real presença dessas religiões por diferentes razões. Grande parte dos praticantes da religiosidade afro-brasileira, nesse texto identificado somente como Umbanda e Candomblé, como já mencionado anteriormente, se identificam como espíritas ou católicos e essa pode ser uma das causas que dificultam o real levantamento dos adeptos dessas religiões no Brasil.

De acordo com o autor referenciado anteriormente, os poucos dados do censo sobre as religiões afro-brasileiras não ressaltam o verdadeiro lugar dessas tradições na construção da cultura brasileira e não religiosa, como no âmbito dos ritmos, da música, da dança, cinema, culinária, literatura e poesia, além, é claro do imaginário mítico.

No tocante a constituição do Candomblé e da Umbanda no Brasil, Silva (2008) expõe características particulares as quais conceitua, que enquanto o Candomblé partia de uma perspectiva de reconstituir nos terreiros brasileiros pedaços da África, como forma de se estabelecerem culturalmente como negros e brasileiros na sociedade nacional. Por outro lado, a Umbanda procurou pela ação da classe média branca, e posteriormente dos segmentos negros e mulatos, refazer o Brasil passando pela África, porém com peculiaridades genuinamente brasileiras.

Para Prandi (2005) foi no século XIX que começaram a surgir nas grandes cidades, grupos que recriavam no Brasil aspectos da cultura africana, por meio das festividades. Essa propagação foi ocorrendo em todo o território e ganhando novas denominações que se agrega às particularidades brasileiras. “A religião negra, que na Bahia se chamou candomblé, em Pernambuco e Alagoas xangô, no Maranhão,

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



tambor-de-mina, e no Rio Grande do Sul, batuque foi organizada em grupo de 'nações', ou 'nações de candomblé'. (PRANDI, 2005, p.165)

As principais nações africanas que formaram as religiões afro-brasileiras foram segundo Barros (2016), a bantu, a iorubá e a fon, as quais compreendem países, cidades e etnias. Outras também vieram, mas suas tradições foram se perdendo com o tempo. O autor referido afirma que cada nação tinha suas próprias divindades, a bantu: bacurus e inquices; a iorubá: os orixás e a ancestralidade e a fon: os voduns.

Para o autor anteriormente citado, embora essas divindades possuam algumas semelhanças, são muito diferentes em comportamento, personalidade, na dança, nas vestimentas, no tipo de alimentação e na comunicação, pois que são divindades de locais e de costumes distintos, mas com o mesmo ideal, o de ajudar o povo a ser mais feliz.

Silva (2010) corrobora com Barros, quando pontua, que os grupos de Candomblé cultuam os Orixás, divindades que a princípio, eram cultuadas pelos povos nagôs/iorubas na Nigéria. A referida autora, ainda expõe que no tocante às questões patriarcais, observa-se que o culto, ligava-se às relações consanguíneas. Portanto, era o culto ao Orixá do chefe de família, em uma desinência de gênero sempre ligado ao chefe-masculino. Nesse contexto histórico observa-se que na cultura dos povos nagôs era comum a mulher cultuar o Orixá do pai e posteriormente o Orixá daquele que ela coabitasse em relações matrimoniais.

Relativo à Umbanda, Silva (2008) ressalta, que a concepção a qual as umbandas seguem, tem como base o kardecismo, cujo fundamento é a evolução espiritual e onde as divindades são ordenadas por grau de desenvolvimento espiritual. As representações católicas de santos e santas em madeiras são consideradas o topo, posteriormente estão os orixás, que se aproximam dos santos católicos, enquanto que os pretos velhos e caboclos são entidades intermediárias possuindo algum grau de evolução devido aos sofrimentos pelos quais passaram na terra. Por fim na base desta pirâmide estão as entidades associadas ao vício e aos

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



prazeres do corpo: trata-se dos marinheiros, boiadeiros, baianos, ciganos e sobretudo os exus e pombagiras.

Para Cumino (2015) a Umbanda tem em sua formação influência dos cultos afros, dos cultos nativos, da doutrina espírita kardecista, da religião católica, alguns pontos de religiões orientais (Budismo e Hinduísmo) e também da magia. Segundo o referido autor, as entidades que atuam na Umbanda não são de uma única raça ou religião, mas sim de todos os lugares da Terra e carregam consigo os seus últimos ensinamentos religiosos, entretanto já purificados dos tabus construídos pelos encarnados.

De acordo com Silva (2008) existem muitas inter-relações entre o catolicismo e religiões afro-brasileiras, tal similaridade se expressa com mais evidência na arte sacra e na arte religiosa dos terreiros. “Há muito de ‘igrejas’ nos ‘terreiros’, mas também ressoam nas primeiras, muitas marcas de um jeito de pensar e sentir o mundo elaborado pelas experiências dos terreiros”. (Silva,2008, p.98).

Pode-se observar que há influências da cultura africana nas esculturas, nos altares e objetos litúrgicos presentes nas igrejas brasileiras. Por outro lado, observa-se também que no Candomblé e na Umbanda há também nos altares imagens dos santos católicos ao lado dos orixás expressando toda uma diversidade cultural e religiosa brasileira.

Conforme exemplificado anteriormente o Candomblé é uma religião de origem africana, portanto suas raízes culturais e artísticas seguem a matriz africana, embora entrelace com as peculiaridades brasileiras. Enquanto que a Umbanda é uma religião genuinamente, brasileira que segue preceitos filosóficos de diversas religiões expressando imensa diversidade religiosa, cultural e artística.

Para Prandi (2004) o Candomblé está mais perto do pensamento africano que a umbanda. No candomblé o bem e o mal não se separam, não são campos distintos. Enquanto que a Umbanda buscou fazer a distinção entre o bem e o mal, porém essa distinção criou alguns impasses, o primeiro ocupou-se dos guias de caridade, os caboclos, pretos-velho e outros espíritos bons que seguem a filosofia da evolução. A segunda característica manifesta-se pelos panteões de exus e

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação



pombagiras, entidades que não se acanham em trabalhar para o mal, quando o mal é considerado necessário.

Segundo Barros (2016) no Candomblé, as divindades, orixás, são reunidas em grupos, algumas são responsáveis pelos quatro elementos da natureza: água, terra, fogo e ar; outras, pelos reinos: animal, vegetal e mineral. Em outra divisão, encontram-se os responsáveis pela produção de ferramentas, metalurgia, agricultura, pesca e caça e alguns orixás possuem também, características de personalidade que os identificam como impetuosos e agressivos.

Conforme o autor anteriormente referido, para o povo iorubá, os orixás são uma força poderosa da natureza, que lhes dá suporte físico e espiritual. Na nação fon essas divindades são chamadas de voduns, na bantu são denominados de inquices. É por meio dessas divindades que o mundo se equilibra e se harmoniza. Para a doutrina familiar e religiosa africana, os orixás são transcendentais ao homem e têm idade imemorial.

Nesta perspectiva, cabe desmistificar os mitos que se encontram enraizados no imaginário popular. Para elucidar algumas questões relativas ao pensamento africano sobre a criação do mundo, nos utilizamos da seguinte citação: “O Universo é dividido em dois complementares o Orun e o Aiyê, sendo o primeiro o mundo imaterial e o segundo o material. O Aiyê é a morada dos humanos, dos demais animais e natureza, enquanto o Orun é a morada dos ancestrais e das divindades, os orixás”. (SILVA, 2013, p.30). Os orixás são munidos de características emocionais e intelectuais similares a dos seres humanos, contudo dotado de um poder extraordinário, o que o torna um deus ou uma deusa, conferindo-lhe atemporalidade.

No tocante aos equívocos relacionados aos orixás, a seguinte citação faz uma valorosa exemplificação do Exu, figura considerada polêmica.

Por ser um orixá associado à fertilidade e à comunicação entre vivos e mortos, deuses e humanos, visível e invisível, sua principal insígnia é um falo esculpido em madeira ou feito em argila. No imaginário ocidental cristão logo foi associado ao demônio e reproduziu a imagem antropomórfica deste divulgada na Idade Média. Chifres, rabos e tridentes passarão a representá-lo. Insígnias feitas de ferro em forma de tridente ou mesmo bonecos de ferro com chifres e

Realização:



Apoio:



garfos de três pontas foram as formas mais populares de representação desta divindade”. (SILVA, 2008, p.105).

Sobre isso, acrescenta Alvarenga (2007), que na tradição africana ioruba, esse orixá é o princípio dinâmico que permeia tudo, é ele quem permite as passagens entre a terra e o além, que leva e traz as comunicações. Meira (2013) complementa a afirmativa anterior, relatando que no Candomblé o Exu é responsável também, pela abertura dos caminhos, pelas escolhas e por proteger as pessoas, entretanto sua força pode ser usada tanto para o bem como para o mal, fazendo-o ser conhecido como a entidade mais controversa do panteão africano.

Já na Umbanda, ressalta Alvarenga (2007), os Exus são considerados espíritos que já estiveram encarnados e quando vivos, eram marginalizados e segregados pela sociedade abastada, e justamente por conhecerem as falhas humanas, seus vícios e virtudes esses espíritos quando falecidos se juntam às correntes de Exu.

Ainda sobre os mitos e preconceitos que envolvem as religiões afro-brasileiras, Silva (2013) pontua a frequente manipulação religiosa, realizadas por indivíduos isoladamente, desprestigiando suas práticas, nesse tocante o termo *Macumba* possui acepções positivas e negativas, que qualificam ou desqualificam esses rituais e seus praticantes. Sendo comum, quando se quer destituir de credibilidade ou imputar um resultado negativo a uma atividade religiosa, chamar o ritual de macumba e ao praticante, macumbeiro.

O termo macumba, segundo Cumino (2015) denota um tipo de madeira ou árvore da cultura bantu e que dessa madeira se faz um instrumento parecido com o nosso reco-reco, esse também, denominado macumba. Como os rituais da Umbanda utilizam-se de músicas, danças, incorporações e de magia, possivelmente esses rituais tenham sido associados a possessões demoníacas, sendo um dos motivos relacionados aos preconceitos com essa palavra.

Os tabus e as mistificações que envolvem as religiões afro-brasileiras somadas ao fato de serem religiões que não seguem a mesma organização das demais congregações, com organização instituída por grandes números de fieis,

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



acabam sendo alvo de preconceitos. Esse estudo procurou desmistificar alguns desses tabus e foi organizado em forma de projeto em um CEEBJA pertencente a um Município do Núcleo Regional de Maringá –PR, o qual será descrito a seguir.

## **O PROJETO MULTIDISCIPLINAR NA ESCOLA**

De acordo com Paraná (2017), as equipes multidisciplinares são espaços escolares de debates, estratégias e de ações pedagógicas que auxiliam na implementação da Lei nº 10.639/03 e da Lei nº 11.645/08, ambas de grande importância para o combate ao foco eurocêntrico e etnocêntrico da educação brasileira. Essas equipes são legitimadas pelo artigo 26ª da Lei nº 9.394/96, pela Deliberação nº 04/06 CEE/PR, pela Instrução nº 017/06 SUED/SEED, pela Resolução nº 3399/10 SUED/SEES e a Instrução nº 010/10 SUED/SEED, bem como pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, nas redes públicas e escolas conveniadas no estado do Paraná.

No intuito de melhorar a qualidade de ensino e de auxiliar na consolidação de políticas educacionais para uma escola que reconheça, valorize e respeite a diversidade étnico-racial, as equipes multidisciplinares são responsáveis por articular os profissionais da educação, as instâncias colegiadas e a comunidade escolar.

Dessa forma em 2014, formamos nossa equipe multidisciplinar, com o número de 6 pessoas da equipe pedagógica (2 gestores e 4 pedagogas), sendo que as pedagogas coordenaram o trabalho do grupo; 16 professores/as; 4 agentes I (apoio aos serviços gerais) e 6 agentes II (administrativo), perfazendo um total de 32 pessoas. O grupo recebeu um material de apoio, fornecido pelo MEC, com textos e Legislações sobre a temática das relações étnico-raciais.

O grupo teve 10 encontros com duração de 4 horas cada, sendo realizados aos sábados, totalizando 40 horas de projeto, ao final recebendo certificação pela SUED/SEED. A princípio, os textos e vídeos sobre a referida temática, deveriam ser estudados, discutidos e apresentados em forma de seminários, por subgrupos, afim de culminar com uma avaliação geral do projeto. Porém, pensamos ser interessante que tal abordagem fosse estendida, também aos discentes. Como o conteúdo de

REALIZAÇÃO:



APOIO:



curso era muito extenso, escolhemos o assunto considerado mais polêmico pela equipe, o da religiosidade africana e sua influência na religiosidade brasileira.

Para tanto, o grupo organizou textos, vídeos e músicas referentes ao tema da diversidade étnico-racial, enfatizando o caráter histórico, cultural e não religioso, afim de trabalharmos com os alunos.

Os estudantes, em número de 30, tiveram 4 encontros de 2 horas cada, onde ouviram e discutiram algumas músicas, assistiram alguns vídeos e participaram de um seminário sobre a religiosidade afro-brasileira. Os encontros suscitaram muitas questões, principalmente com a apresentação do seminário, pois muitos dos estudantes, como também da nossa própria equipe, eram formados por pessoas de religião protestante e católica, sendo assim, algumas palavras e conceitos em torno da religiosidade afro-brasileira, foram estudados, discutidos e desmistificados.

O término do projeto culminou com um evento, onde tivemos apresentação de dramatizações, de painéis com os conteúdos abordados e onde pudemos saborear alguns elementos da culinária africana, elaborados pelos alunos e demais participantes da equipe. Sabemos, que a realização do evento não nos mostra o real aprendizado desses alunos, haja vista, que esse retorno se dá a longo prazo, mas, pensamos que por meio dessas iniciativas, como a da equipe multidisciplinar, possa haver uma modificação, a médio e longo prazo, nas atitudes em relação a preconceitos e estereótipos enraizados na nossa cultura e adquiridos durante nossa trajetória social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo, nos bancos escolares aprendemos que o patrimônio cultural da humanidade fora estabelecido pelo Continente Europeu. Recentemente essa versão foi contestada, admitindo ser a África responsável por nossa herança patriarcal. Esse processo histórico ainda em construção, encontra agora, respaldo em Leis, Deliberações, Resoluções e Instruções, que regem nossa educação, tornando obrigatório o ensino da cultura africana nas escolas, de forma a exaltar a importância desse Continente na formação da civilização humana.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação





Muito há que se estudar sobre essa temática, pois que o preconceito ainda se faz presente. O estudo que propusemos realizar, teve por finalidade, além de compreender a influência e importância dos aspectos religiosos africanos na religiosidade do Brasil, abrir caminhos para novas pesquisas que possam auxiliar a responder o porquê da influência indígena e negra, serem praticamente invisíveis em nossa sociedade mestiça.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, L. F. C. de. **As Resignificações de Exu dentro da Umbanda**. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2006/2007. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&o\\_obra=84184](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&o_obra=84184)> Acesso em 25/03/2017.

BARROS, M (org). **O Candomblé Bem Explicado – Noções Bantu, Iorubá e Fon/Odé Kileuy e Vera Oxaguiã**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

CUMINO, A. **História da Umbanda – Uma Religião Brasileira**. São Paulo: Madras, 2015.

MARIANO, R. **Mudanças no Campo Religioso Brasileiro no Censo 2010**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013. <<http://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/43696>> Acesso em 23/03/2017.

MEIRA, C. S. **Plantas do Axé e sua Fundamentação Religiosa: um estudo de caso no terreiro de Umbanda “Caboclo Boiadeiro”**. (Fazenda Buraco do Boi – Poções/ Bahia). Itapetinga: UESB, 2013. 129p. <[www.uesb.br/ppgca/dissertacoes/2013/CELIO.pdf](http://www.uesb.br/ppgca/dissertacoes/2013/CELIO.pdf)> Acesso em 04/04/2017.

OLIVA, A. R. A História Africana nas Escolas: entre abordagens e perspectivas. In: **Educação Africanidades Brasil**. Secretaria de Educação Continuada,

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação





Alfabetização e Diversidade. Centro de Educação à Distância - SECAD/CEAD. Universidade de Brasília: Brasília, 2006.

PARANÁ. **Instrução nº. 010/2010**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação (SEED/SUED). Governo do Paraná, 2010. <<http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/instrucoes/instrucao102010.pdf>> Acesso em 04 de março de 2017.

\_\_\_\_\_. **Equipes Multidisciplinares – Educadores**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação e Desenvolvimento (SEED/SUED). Governo Paraná, 2017. <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=560>>. Acesso em 04 de março de 2017.

PRANDI, R. **Segredos Guardados: Orixás na alma brasileira**. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Por que Exu é o primeiro?** Texto extraído e modificado do livro *Segredos Guardados*, de Reginaldo Prandi, Companhia das Letras, 2005. <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/exu2005.htm>>. Acesso em 29 de março de 2017.

\_\_\_\_\_. **O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso**. Estudos Avançados. Vol.18, nº.52 São Paulo, 2004. <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10033>> Acesso em 30 de março de 2017.

SANTOS, L. C. dos. A Presença Negra no Brasil. In: **Educação Africanidades Brasil**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Centro de Educação à Distância - SECAD/CEAD. Universidade de Brasília: Brasília, 2006.

SILVA, G. V. **Arte Religiosa Afro-Brasileira: As Múltiplas Estéticas da Devoção Brasileira**. Debates do Ner, Porto Alegre, Ano 9, N. 13, P. 97-113, JAN./JUN. 2008.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação





<<http://www.seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/viewFile/5251/2985>> Acesso em 27/03/2017.

SILVA, M.A.V. X. – **A Festa do Candomblé e a Formação dos “entre-lugares”**. Goiânia,.Habitus, v. 8, n. 1/2, p. 99-117, jan./dez. 2010. <<http://seer.ucg.br/index.php/habitus/article/viewFile/2172/1340>> Acesso em 27/03/2017.

SILVA, T. H. **Raízes e Rizomas: Performances e Memórias do Candomblé no Teatro do Brasil**. 2013. 132p. Dissertação. UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH Programa de Pós-Graduação em Memória Social – PPGMS. Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 2013. <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss319.pdf>>. Acesso em 30 de março de 2017.

SILVÉRIO, V. R. **Síntese da Coleção História Geral da África: Pré-história ao século XVI**. Coordenação de Valter Roberto Silvério e autoria de Maria Corina Rocha, Mariana Blanco Rincón, Muryatan Santana Barbosa. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013. <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002270/227007POR.pdf>> Acesso em 29/03/2017.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano**. São Paulo: Ática, 2008.

TEIXEIRA, Faustino. **Os Dados Sobre Religiões no Brasil em Debate**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 77-84, jul./dez. 2013. <<http://www.seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/viewFile/43690/27482>> Acesso em 04/04/2017.

## **AFRICAN CULTURE AND THE CONSTITUTION OF BRAZILIAN'S RELIGIOSITY: DEMYSTIFYING SOME TABOOS**

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação



## ABSTRACT

In this text we approach part of the multidisciplinary project, completed in 2014 and carried out in the CEEBJA belonging to a Municipality of the Regional Education Center of Maringá, a city in the state of Paraná, Brazil, whose subject Ethnic Diversity and African Culture, spread this article's title: African culture and the constitution of Brazilian's religiosity: demystifying some taboos. Probably the importance of Africa as the cradle of human civilization has been neglected inside of the schools. Currently, through Law N<sup>o</sup>. 10.639/03, the ethnic-racial's theme relations and African and Afro-Brazilian culture has become mandatory in primary, secondary and vocational schools, and are present in the Curricular Guidelines for Basic Education of the State of Paraná. In this sense, this study aimed to analyze historically and culturally African religious rites influence in the constitution of Brazilians' religiosity, seeking to demystify some concepts and taboos on this theme, possibly collaborating in some prejudices eradication and exalting this culture, which is part of our history.

Keywords: Ethnic-Racial Relations; Afro-Brazilian Culture; Youth and Adult Education; Multidisciplinary Project.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação

